

1.18 • Conjuntura internacional

A CONSTRUÇÃO DA PAZ NA COLÔMBIA IMPLICA A (RE)CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA (2.ª PARTE)

O SISTEMA POLÍTICO BIPARTIDÁRIO que se cristalizou ao longo dos séculos XIX e XX parece ter chegado ao fim com a entrada no século XXI. Dirigir o Partido Liberal ou Conservador já não é necessariamente a antecâmara para se chegar à Presidência da República. Na verdade, o último presidente liberal foi Ernesto Samper (1994-1998) e o conservador Andrés Pastrana (1998-2002).

Fundamentalmente, dois fatores contribuíram para esta tendência.

Em primeiro lugar, o regime político assistiu a um importante processo de democratização com a reforma constitucional de 1991, através da qual se ampliaram as liberdades individuais, se promoveu um Estado social de direito, se reconheceram direitos específicos dos povos indígenas, se abriu a porta à figura do referendo e se estabeleceu uma descentralização política do país. A eleição popular direta de governadores e presidentes de câmara é uma das heranças mais significativas desta Constituição.

O segundo fator que contribuiu para a erosão do sistema bipartidário tem nome próprio: Álvaro Uribe. Venerado, como um messias, por muitos, odiado por muitos outros, indubitavelmente, Uribe é a maior figura política que emergiu na Colômbia nas duas últimas décadas. A sua ascensão, nas eleições de 2002, e perpetuação no poder baralhou as cartas do mapa político e reconfigurou o sistema partidário colombiano.

Uribe foi eleito, não com base nas redes, estruturas e apoios dos partidos, mas sim no seu capital político pessoal, carisma e discurso radical. Num país fortemente anticomunista, com ressentimentos e ódios viscerais contra as FARC, Uribe capitalizou estes sentimentos políticos vestindo a pele do líder de “mão dura” e da guerra sem tréguas contra a guerrilha. O fracasso do processo de paz iniciado em 1998 levou-o ao poder, as vitórias militares do seu Governo valeram-lhe a reeleição, até ao momento não permitida pela Constituição, e a capacidade de determinar, desde aí, em cada eleição presidencial, o principal candidato da direita.

Uribe, ainda que formado no Partido Liberal, afirmou uma liderança suprema, unipessoal e independente dos dois partidos tradicionais. Com ele arrastou grande parte das suas fileiras, ao mesmo tempo que, progressivamente, os foi debilitando e diluindo como partidos. O Partido Conservador converteu-se num apêndice do projeto de Uribe. O Partido Liberal, eleição após eleição, foi decaindo e perdendo eleitorado, sendo a sua base social e sociológica cada vez mais repartida por forças à sua esquerda. Rafael Pardo obteve apenas 4% da votação nas eleições presidenciais de 2014, De la Calle 2% em 2018.

Tanto Uribe como, posteriormente, Juan Manuel Santos, foram eleitos num cenário de reconfiguração e fragmentação do sistema partidário, com o apoio de novos partidos sem grande tradição nem trajetória políticas, que se sustentavam mais nas suas lideranças e redes clientelistas, do que em matrizes ideológicas. O recém-eleito presidente Iván Duque pertence ao novo partido de Álvaro Uribe, Centro Democrático, que, na realidade, não é de centro nem prima pelos valores democráticos.

Assim, em grande medida, o atual panorama político na Colômbia já não está marcado pela velha divisão liberais *vs.* conservadores, mas sim pelo Uribismo *vs.* Anti-Uribismo.

As últimas eleições presidenciais num contexto pós-acordo de paz

As últimas eleições presidenciais são sintomáticas desta nova realidade e mapa político na Colômbia. O candidato vencedor, Iván Duque, sem trajetória política relevante, consegue chegar à Casa de Nariño enquanto delfim de Álvaro Uribe, convertendo este Governo numa espécie de terceiro mandato do antigo presidente, o qual poderá governar desde a sombra e os bastidores, bem como controlar Duque como uma marioneta.

“ Estas eleições dão sinais de que um novo país está a emergir. Não só se verificou um enfraquecimento das redes clientelares tradicionais (...) como cada vez mais se evidencia a realidade de um voto progressista, urbano e independente das máquinas partidárias. ”

Como já havia evidenciado o resultado do referendo ao acordo de paz (50% “não” / 49% “sim”), estas eleições manifestam um país profundamente polarizado, não só relativamente ao tema da paz como entre a esquerda e a direita, o Uribismo e o Anti-Uribismo. À segunda volta chegaram dois dos candidatos mais ao extremo do espectro político, configurando um cenário praticamente da extrema-esquerda contra a extrema-direita.

No entanto, estas eleições dão sinais de que um novo país está a emergir. Não só se verificou

Miguel Barreto Henriques

um enfraquecimento das redes clientelares tradicionais, que se haviam reunido sobretudo em torno do antigo vice-presidente Vargas Lleras, como cada vez mais se evidencia a realidade de um voto progressista, urbano e independente das máquinas partidárias, que teve em Gustavo Petro e Fajardo os seus representantes. Parte desta tendência está patente no fenómeno em afirmação Alianza Verde. Politicamente ao centro e centro-esquerda, é um partido ligado a bandeiras modernas, como o ambientalismo, os direitos das minorias, a educação e a luta contra a corrupção, indiciando uma renovação e oxigenação do sistema político colombiano.



Resultados finais da primeira volta eleitoral na Colômbia (Os cinco partidos mais votados)

Fonte: <https://actualidad.rt.com/actualidad/273241-colombia-anuncia-primeros-resultados-elecciones>

Da mesma forma, apesar de se terem saldado na vitória do candidato da direita, estas eleições revelam uma ascensão da esquerda. O prolongamento do conflito armado durante cinco décadas constituiu um estigma para a esquerda colombiana, que obstaculizou o seu crescimento. A Esquerda tornou-se uma palavra maldita, automaticamente associada à violência da guerrilha das FARC. Como resultado disto, o eixo político e ideológico na Colômbia está situado bastante mais à direita do que na maioria dos países da América Latina e da Europa. Segundo o Observatório para la Democracia da Universidad de los Andes, apenas 21% da população colombiana se identificam como de esquerda (Semana, 2018). Nesta medida, o facto de Gustavo Petro, um antigo guerrilheiro do M-19, que levanta, sem pudor, bandeiras do socialismo, ter chegado à segunda volta e obtido oito milhões de votos (41%), é sinal de que há uma nova realidade política no país, facilitada pelo acordo de paz.

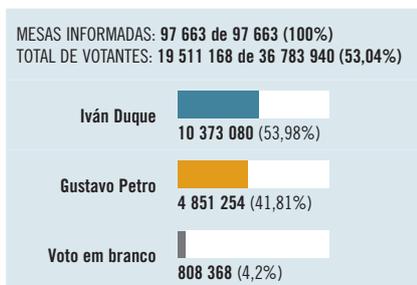


Gráfico de resultados finais das eleições presidenciais na segunda volta

Fonte: <https://www.radionacional.co/noticia/actualidad/asi-quedo-nuevo-mapa-eleitoral-politico-de-colombia>

Outro dos elementos mais significativos das últimas eleições presidenciais e legislativas na Colômbia foi a participação eleitoral das FARC. O acordo de paz tinha como um dos seus pilares e eixos estruturadores a transformação das FARC de um movimento armado num partido político. Este processo é o coração da maioria dos processos de paz, sendo usualmente conhecido em inglês pela expressão “*bullets for ballots*”, a substituição das balas pelos boletins de voto. Neste sentido, as FARC transformam-se de Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia em Fuerza Alternativa Revolucionária del Común.

O eleitorado castigou fortemente o partido FARC nas eleições legislativas¹. A sua votação foi irrisória (menos de 1%), o que denota a sua atual escassa base social e divórcio relativamente à sociedade colombiana. Contudo, durante duas legislaturas, as FARC contarão com representação automática de cinco deputados no Senado e na Câmara de Representantes, graças a um compromisso político estabelecido no acordo de paz de Havana. No entanto, poderão estar condenados a desaparecer gradualmente como força política de relevo, seja pela falta de apoio do eleitorado ou porque o atual Governo poderá realizar esforços para modificar o acordo de paz e cortar a voz das FARC no parlamento. Porém, para a História fica o simbolismo de ver membros das FARC participar na campanha eleitoral, depositar os votos nas urnas e aceitar as normas do sistema democrático liberal, o que representa um passo muito importante e significativo para a paz no país.

Conclusão

O sistema político colombiano padece dos mesmos males que a generalidade das democracias, aquele a que Churchill chamou o pior dos regimes com exceção de todos os outros. Evidencia problemas graves de abstenção, desprestígio da classe política, corrupção e falta de legitimidade institucional. Enfrenta até problemas políticos pós-modernos, como o impacto das *fake news* nas eleições. No entanto, é uma democracia com características próprias e singulares, fruto de processos históricos que colocam a nu *nuanças* repressivas e oligárquicas. Ainda que a Frente Nacional e o Bipartidismo sejam coisa do passado, há ainda um longo caminho a percorrer até que a democracia colombiana perca plenamente alguns dos adjetivos que lhe têm sido atribuídos. A perpetuação da violência na história da Co-

lômbia tem notórios vínculos com a natureza imperfeita, exclusiva e oligárquica do seu sistema político. Como bem sublinhou o acordo de paz, construir a paz na Colômbia implica construir um regime mais democrático, participativo e inclusivo. Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (2003), passa por democratizar a sua democracia.

Vários elementos do acordo de paz iam neste sentido: facilitar a criação e a manutenção de partidos políticos, promover um novo estatuto da oposição, garantir o acesso de todas as forças políticas aos meios de comunicação e criar “Circunscrições Especiais para a Paz”, círculos eleitorais para territórios especialmente afetados pelo conflito armado, onde pudessem ter acesso ao parlamento, de forma transitória, as suas populações, vítimas e organizações sociais.

No entanto, o facto de esta última medida não ter sido aprovada no Parlamento, assim como o novo ministro de Defesa de Duque referir-se à necessidade de regular a contestação social, são indicadores da perpetuação das tendências políticas tradicionais na Colômbia e dos profundos desafios para a construção da paz e da democracia. ■

Notas

¹ Nas eleições presidenciais, as FARC prescindiram, a certa altura, de apresentar candidato, por motivos de saúde do seu líder, Rodrigo Londoño.

Referências

- Barreto Henriques (2016), *Laboratorios de Paz en territorios de violencia(s): abriendo caminos para la paz positiva en Colombia?*, Bogotá: Universidad Jorge Tadeo Lozano.
- Chernick, Marc (2008), *Acuerdo posible: solución negociada al conflicto armado colombiano*, Bogotá: Ediciones Aurora.
- Giraldo, Javier (1996), *Colombia: The Genocidal Democracy*, Monroe: Common Courage Press.
- González, Fernán; Bolívar, Ingrid; Vázquez, Teófilo (2003), *Violencia Política en Colombia: De la nación fragmentada a la construcción del Estado*, Bogotá: CINEP.
- Gutiérrez, Francisco (2001), “Inequidad y violencia política: una precisión sobre las cuentas y los cuentos”, *Análisis Político*, N.º 43, pp. 55-75.
- Hylton, Forrest (2003), “An Evil Hour”, *New Left Review*, 23, setembro-outubro.
- McDonald, Geraldine (1998), *Alternative Perspectives on Building Peace in Colombia and El Salvador: An appraisal of the peace processes with special reference to peacebuilding from ‘below’*, PhD Thesis, Department of Peace Studies, University of Bradford.
- Pearce, Jenny (1990), *Colombia: Inside the labyrinth*, Londres: Latin America Bureau.
- Pécaut, Daniel (1992), “Guerrillas and Violence”, in Bergquist, Charles; Sanchez, Gonzalo; Peñaranda, Ricardo, *Violence in Colombia: The Contemporary Crisis in Historical Perspective*, Wilmington: SR Books.
- Semana (2018), “El fenómeno Petro”, 22 de maio.
- Sousa Santos, Boaventura (2003), *Democratizar a Democracia: Os Caminhos da Democracia Participativa*, Porto: Edições Afrontamento.